

Revista Brasileira de Ciências Humanas

A CAPOEIRA NA ESCOLA COMO POSSIBILIDADE PARA UMA EDUCAÇÃO INTERDISCIPLINAR E CIDADÃ

Data de aceite: 25/07/2025

João Carlos Dias Trindade

Júlio Ricardo Quevedo dos Santos
Orientador

Todo o conteúdo desta revista está
licenciado sob a Licença Creative
Commons Atribuição 4.0 Interna-
cional (CC BY 4.0).



Resumo: Este trabalho tem como objetivo apresentar a capoeira como possibilidade para desenvolver a interdisciplinaridade e cidadania na escola, a partir do projeto de pesquisa em mestrado profissional, realizado na Comunidade Quilombola São Miguel Velho, localizada no município de Restinga Sêca, Rio Grande do Sul. A capoeira presente na Quarta Colônia Geoparque Mundial é reconhecida pela UNESCO (2025) como Patrimônio Cultural da Humanidade. Trata-se de um patrimônio intangível de riquíssimo contexto histórico, social e cultural. A roda de capoeira com suas expressões corporais e significados históricos possibilita pensar e repensar temas geradores de conhecimentos associados à luta, esporte, cultura, música, canto, identidade, resistência, dança, poesia, arte, africanidade, entre outros tantos que fazem parte da Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Palavras-chave: Capoeira. Cidadania. Interdisciplinaridade.

INTRODUÇÃO

A escola contemporânea enfrenta o desafio de formar um sujeito crítico, autônomo, consciente de sua identidade cultural e responsável no cuidado com a mãe terra. A expressão formar não significa moldar o ser humano como uma receita de bolo. Portanto, como formar sujeitos para exercer uma cidadania plena? Tal contexto encontra-se em Freire (1996, p. 96):

Não posso ser professor sem me pôr diante dos alunos, sem revelar com facilidade ou relutância minha maneira de ser, de pensar politicamente. Não posso escapar à apreciação dos alunos. E a maneira como eles me percebem tem a importância capital para o meu desempenho. Daí, então, que uma de minhas preocupações centrais deve ser a de procurar a aproximação cada vez maior entre o que digo e o que faço, entre o que pareço ser e o que realmente estou sendo.

Educar para a cidadania é buscar a própria identidade. É instrumentalizar, desenvolver capacidades que possibilitem participar da sociedade. É assumir um compromisso social, dar-se conta de que é necessária uma reflexão permanente sobre o que é ser ético. É construir em conjunto, é estar em formação na sua prática diária.

A capoeira, por sua riqueza histórica, corporal e simbólica, se apresenta como possibilidade para construção de uma educação interdisciplinar e cidadã. A pesquisa realizada com a capoeira praticada na Comunidade Quilombola São Miguel Velho no município de Restinga Sêca/RS, resultou na elaboração de um Guia de Apoio Didático para Educação Patrimonial de Capoeira nas Escolas.

O guia se constituiu como produto final da pesquisa que aborda a capoeira a partir do ano de 1990, quando João Horácio Borges Filho, ao trazê-la para o território, declara-se como inspirador. Um dos praticantes inspirado por João Horácio é Roberto Juliano da Silva Rosa que manteve acesa a roda de capoeira no território. Nos anos de 2013 a 2015, Juliano deu nome aos praticantes de Grupo Paranauê quando atuou como monitor de capoeira no “Programa Mais Educação” realizado na Escola Municipal Manuel Albino Carvalho, programa do governo federal coordenado por esse autor.

A INTERDISCIPLINARIDADE COMO METODOLOGIA NO CONTEXTO ESCOLAR

A interdisciplinaridade busca integrar conteúdos em torno de temas do cotidiano do estudante, que retrate suas raízes, sua existência, sua ancestralidade e sua capacidade de integrar e intervir no seu meio. A capoeira como patrimônio cultural e educacional é uma possibilidade para desenvolver habilidades, competências e novas atitudes. Atitude esta que Fazenda (1993, p. 13-14) relata:

Atitude de busca de alternativas para conhecer mais e melhor; atitude de espera perante atos não-consumados; atitude de reciprocidade que impede à troca, ao diálogo com pares idênticos, com pares anônimos ou consigo mesmo; atitude de humildade diante da limitação do próprio saber; atitude de perplexidade ante a possibilidade de desvendar novos saberes; atitude de desafio diante do novo, desafio de redimensionar o velho; atitude de envolvimento e comprometimento com os projetos e as pessoas neles implicadas; atitude, pois de compromisso de construir sempre da melhor forma possível; atitude de responsabilidade, mas sobretudo de alegria, de revelação, de encontro, enfim, de vida.

Na interdisciplinaridade, os conteúdos escolares devem ter significados. Saber o que se quer, aonde se quer chegar, o que se tem, o que se precisa, como fazer e com quem. Não se pode ser anômalo, ou seja, não reconhecer regras, ser apático, omisso. Não se pode ser heterônomo também, impor ou se submeter a regras, sem assumir atitudes que transforme realidades, jogando-se a culpa no(s) outro(s). “Os conteúdos curriculares têm que ser significativos para o aluno e só o serão significativos para ele se esses conteúdos também forem significativos para a saúde do planeta, para o contexto mais amplo” (Gadotti, 2000, p. 286).

A compreensão do homem como um ser planetário faz-se cada vez mais necessária nos dias atuais. As atrocidades contra o meio ambiente são consequências de uma sociedade individualista, materialista, de poder, de consumo e de indiferença às culturas dos povos, motivo de discórdias e guerras no final do século e início deste. É significativa e atual a abordagem de Santomé (1998, p. 90) quando diz:

Uma característica do século que termina são os perigos de destruição do planeta. Possibilidade que dia a dia converte-se em uma triste realidade, devido às intervenções humanas com visões excessivamente locais e brutalmente egoístas. Em geral, existe um consenso na hora de apontar, entre as principais ameaças para a sobrevivência mundial,

problemas como: a má distribuição de alimentos entre os países e, dentro deles, entre os diferentes grupos sociais, a degradação do meio ambiente, o enorme potencial nuclear fabricado, a explosão demográfica nos países não industrializados, o desperdício e esgotamento de recursos vitais à sobrevivência das novas gerações, as aplicações da ciência e da tecnologia a serviço da destruição e da guerra. Não obstante, estas perigosas realidades não têm por que seguir irreversivelmente nessa direção. Ainda existem possibilidades de frear e cortar as intervenções humanas que as geram.

O propósito da escola deve ser o de possibilitar e mediar ações que envolvam participação integrada com a comunidade, de tal forma que todos se comprometam em cuidar do meio ambiente com protagonismo. Uma cidadania ativa e autônoma acontece quando o coletivo é o autor com capacidade de interferir, de propor políticas públicas, primando pelo princípio da não exclusão. Conforme Gadotti (2002, p. 57):

Autonomia conduz diretamente à cidadania. Autônomo não é o indivíduo isolado. Pelo contrário, autônomo é o sujeito ativo, sujeito da práxis. Se lutamos pela autonomia é porque a desejamos para todos. Uma sociedade autônoma é uma sociedade autocontrolada, autodirigida, autogestada, onde suas instituições, como a escola, promovem e facilitam a autonomia individual.

Nesse sentido, a escola precisa ser reinventada, libertar-se dos condicionantes científicos que fizeram do currículo escolar um mosaico de quatro, oito, doze ou mais disciplinas separadas, divorciadas, fechadas, estagnadas. Como promover a cidadania se os conhecimentos de cada disciplina não conversam entre si?

Em Japiassu (1976, p. 61) busca-se o conceito de disciplina ou disciplinaridade:

[...] progressiva exploração científica especializada numa certa área ou domínio homogêneo de estudo. Uma disciplina deverá, antes de tudo, estabelecer e definir suas fronteiras constituintes. “Fronteiras estas

que irão determinar seus objetos materiais e formais, seus métodos e sistemas, seus conceitos e teorias”.

Percebe-se que na concepção de disciplinaridade há uma articulação de conceitos dentro da mesma disciplina, um funcionamento isolado. Sobre a multidisciplinaridade, o autor comprehende como várias disciplinas justapostas sem relação entre elas, “[...] sem implicar necessariamente um trabalho de equipe e coordenado” (Japiassu, 1976, p. 72).

Na definição de conceitos, a pluridisciplinaridade são recursos, contribuições de diferentes áreas, com certa ordenação, sem, contudo, exigir alteração na forma e organização das disciplinas. “[...] visa à construção de um sistema de um só nível e com objetivos distintos, mas dando margem a certa cooperação, embora excluindo toda coordenação” (Japiassu, 1976, p. 73).

Na interdisciplinaridade, é introduzida a noção de finalidade: “[...] sistema de dois níveis e de objetivos múltiplos, coordenação procedendo do nível superior” (Japiassu, 1976, p. 74). A interdisciplinaridade requer convicção e atitude, exige colaboração mútua sem estar apoiada em coerções e imposições. “[...] se caracteriza pela intensidade das trocas entre os especialistas e pelo grau de interação real das disciplinas, no interior de um projeto específico de pesquisa” (Japiassu, 1976, p. 74).

Tem-se também a transdisciplinaridade, que é entendida como ausência de fronteiras entre as disciplinas. De acordo com Japiassu (1976), é a coordenação de todas as disciplinas e interdisciplinas do sistema de ensino inovado, sobre a base de uma axiomática geral. Sistema de níveis e de objetivos múltiplos, coordenação com vistas a uma finalidade comum dos sistemas.

Para Japiassu (1976), a metodologia interdisciplinar consiste em cinco etapas. A primeira é a equipe de trabalho. Nessa etapa é necessária a cooperação, planejamento e o reconhecimento da instituição para o que se

propõe. Ou seja, constituir um grupo de reflexão e de contribuição de cada disciplina para o projeto interdisciplinar. A segunda etapa consiste nos conceitos comuns. Necessita-se que seja assegurada a autonomia de cada disciplina. No entanto, é preciso que seja ajustada a linguagem dos participantes sem, contudo, sacrificar a terminologia própria de cada disciplina. “[...] é indispensável que cada especialista seja capaz de transpor, em termos de sua própria disciplina, as consequências das afirmações das outras” (Japiassu, 1976, p. 131).

Já a terceira etapa é o problema de pesquisa. É importante o ponto de vista de cada disciplina ou especialista, como queira. Deve-se tomar o cuidado para não super dimensionar uma ou outra disciplina na definição do problema. O problema de pesquisa é um aspecto estratégico e pode ser formulado depois de vários encontros dos especialistas. A quarta etapa consiste na repartição de tarefa. Trata-se de definir as responsabilidades de cada um. Deve-se evitar a hierarquia rígida, criando-se um ambiente de cooperação, verdadeiramente democrático.

Por fim, a última etapa consiste na socialização de resultados parciais. São os diagnósticos da situação atual e de sua evolução. “[...] A cooperação interdisciplinar exige por definição, qualidade de tolerância mútua, de abnegação e, até mesmo, de apagamento dos indivíduos, em proveito do grupo” (Japiassu, 1976, p. 135). As decisões a serem tomadas devem partir da equipe interdisciplinar, aonde cada especialista descobrirá as inúmeras interconexões.

A INTERDISCIPLINARIDADE: UMA ATITUDE DE CIDADANIA NA ESCOLA?

A educação interdisciplinar possibilita o despertar de consciências e capacidades para exercer a cidadania. Na escola, é possível transformar a pessoa, tornando-a responsável pelo seu crescimento e pelo bem da comunidade. Para Mantoan (2003, p. 53), inclusão e cidadania caminham juntas:

[...] a escola, para muitos alunos, é o único espaço de acesso aos conhecimentos. É o lugar que vai proporcionar-lhes condições de se desenvolverem e de se tornarem cidadãos, alguém com uma identidade sociocultural que lhes conferirá oportunidades de ser e de viver dignamente.

Entende-se que cidadania é participação, é discernimento dos direitos e deveres de cidadão. É bem mais que o direito ao voto; segundo Freire (1993, p. 45), cidadão significa “indivíduo no gozo dos direitos civis e políticos de um estado” e cidadania “tem que ver com a condição de cidadão, quer dizer, com o uso dos direitos de ter deveres de cidadão”.

Como deveres, o cidadão deve fomentar a existência de direitos a todos, ter responsabilidade em propor e construir coletivamente. Uma educação cidadã acontece por meio de uma pedagogia em que ensinar exige a disponibilidade do educador para o diálogo, abrindo-se a possibilidade para a construção da autonomia do educando. “O sujeito que se abre ao mundo e aos outros inaugura com seu gesto a relação dialógica em que se confirmam como inquietação e curiosidade, como inconclusão em permanente movimento na História” (Freire, 1996, p. 136).

Ao educar para cidadania, é necessário problematizar e associar temas locais e globais de forma interdisciplinar e transdisciplinar. Gadotti (2000, p. 243) relata que “[...] qualquer pedagogia pensada fora da globalização e do movimento ecológico tem, hoje, sérios problemas de contextualização”, e complementa:

O movimento ecológico e a globalização estão abrindo novos caminhos não só para a educação, mas também para a cultura e a ciência. A fragmentação vai sendo gradativamente substituída por uma análise que leva em conta muitos variados aspectos. O pensamento fragmentado que simplifica as coisas e destrói a possibilidade de uma reflexão mais ampla sobre questões da própria sobrevivência da humanidade e do planeta [...] (Gadotti, 2000, p. 243).

Necessita-se promover uma cultura de sustentabilidade em que o cidadão local se perceba como cidadão planetário. Contextualizar saberes por meio da interdisciplinaridade possibilita uma educação cidadã e humanizada, de pertencimento ao meio em que vive.

A CAPOERIA COMO TEMA GERADOR DE CONHECIMENTOS

Como tema gerador de conhecimentos, a capoeira possibilita práticas interdisciplinares de valorização da cultura afro-brasileira e aprendizagens significativas.

Na sequência, apontam-se algumas sugestões para o currículo escolar por meio da capoeira:

a) Educação Física - desenvolver habilidades motoras, trabalho em equipe, inclusão, movimentos, ritmos, jogos, consciência corporal, esporte de resistência e expressão cultural. Observar vídeos de mestres, convidar capoeiristas para falar sobre a roda de capoeira e seus significados;

b) História - origem da capoeira, relacionar ao tema escravidão, resistência negra, identidade nacional, cultura africana no Brasil, linha do tempo da história da capoeira, análise de documentos históricos, compreender a capoeira como patrimônio histórico, debater sobre racismo, conhecer a Lei nº 10.639/2003, que estabelece a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira e africana no currículo escolar e universitário, entre outras leis afins, como a Lei nº 11.645/2008 que amplia a obrigatoriedade para história indígena;

c) Geografia - analisar a difusão da capoeira, os espaços e territórios de comunidades quilombolas, migração cultural da capoeira, localização de quilombos no Brasil e no mundo;

d) Língua Portuguesa - explorar a oralidade, interpretação e produção de textos (cantigas e ladinhas), narrativas, textos informativos, produção de cordel ou crônica;

e) Artes - abordar a expressão visual, gestual, vestimentas, som, cantos, pintura, confecção de instrumentos e relação de movimentos com as danças africanas (gingado), pintura sobre rodas de capoeira, desenhos de instrumentos e apresentação de trabalho individual e em grupo;

f) Música - trabalhar o ritmo, escuta e prática musical;

g) Matemática - relacionar movimentos com geometria, tempo musical, simetria, ritmo, contagem de compassos, proporções e figuras geométricas;

h) Ciências - estudar o corpo humano em movimento, relação da atividade física com a saúde e meio ambiente;

i) Filosofia e Sociologia - debater sobre ética, respeito, identidade e cultura, roda de conversa sobre preconceito, análise de frases de mestres de capoeira, diferenças da capoeira angola para regional, cultura como forma de saber.

O tema capoeira possibilita estabelecer interconexões com as mais diversas culturas. Ao explorar o tema, surgirão curiosidades e interesses para um aprender reflexivo, provocando surgimento de subtemas para novas pesquisas. Os temas geradores possibilitam propostas entre diferentes disciplinas. Cita-se o tema “Capoeira e Resistência Cultural”, onde permite-se trabalhar as disciplinas de História, Educação Física, Língua Portuguesa, Artes, Filosofia e todas que compõem o currículo escolar, proporcionando conexões interdisciplinares e transdisciplinares.

O PRODUTO DE PESQUISA COMO PROPOSTA INTERDISCIPLINAR: RESULTADOS E DISCUSSÕES

A pesquisa realizada no território quilombola São Miguel Velho, conforme descrito na introdução, resultou na elaboração de um Guia de Apoio Didático para Educação Patrimonial de Capoeira nas Escolas. A capoeira

praticada nesse território representa a vida ancestral de uma população tradicional. O Programa de Mestrado Profissional em Patrimônio Cultural, oferecido pelo Centro de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Federal de Santa Maria, entre os anos de 2022 a 2025, foi um período de experiências e conhecimentos como trajetória profissional deste autor.

Durante a realização do curso, interagiu-se com profissionais de diversas áreas e regiões do Brasil, prioritariamente do estado do Rio Grande do Sul. O intercâmbio entre mestrandos, professores ministrantes dos créditos curriculares, palestrantes latinos e orientadores de outras pesquisas sobre patrimônio cultural representou um aprendizado interdisciplinar, reforçando o enfoque do presente artigo.

Ao pesquisar a capoeira nesta comunidade quilombola pertencente à Quarta Colônia Geoparque Mundial da UNESCO significa possibilidade de visibilidade turística, contribuição cultural e educacional, rompendo fronteiras territoriais.

O Guia Didático para Educação Patrimonial de Capoeira foi trabalhado nas escolas por meio de oficinas práticas de capoeira. O guia como produto trouxe conhecimentos sobre a história da capoeira local. Trata-se de um conhecimento que para muitos era desconhecido. Abrem-se portas para novos estudos e pesquisas sobre manifestações culturais presente neste território quilombola São Miguel Velho, como é o caso do grupo de dança afro Rei Zumbi da associação comunitária Vovô Geraldo. Cita-se também o Instituto de Arte e Cultura Alex Procknow que desenvolve a música por meio de instrumentos de percussão associada à dança afro. Ademais, destaca-se a Capoeira Angola desenvolvida atualmente dentro do turno integral da Escola Manuel Albino Carvalho por João Horácio Borges Filho, figura exponencial como fonte e colaborador na confecção do guia como produto de pesquisa.

O Guia Didático para Educação Patrimonial de Capoeira significa uma ferramenta para trabalhar a interdisciplinaridade no ambiente escolar a partir dos textos, ilustrações, história, quadrinhos, linguagem visual, interatividade como caça-palavras, cruzadinha, labirinto, cantiga e demais possibilidades que podem ser exploradas.

Alguns momentos marcaram as oficinas práticas nas escolas, entre estes destacam-se três: uma menina tomou conhecimento do Guia antes da oficina e, ao receber o Grupo de Capoeira Paranauê, passou a descrever o início da capoeira no território. Em outro momento, uma menina tímida e introvertida, conforme relato de uma coordenadora pedagógica, foi a primeira a se manifestar entre os presentes na roda de capoeira para tocar um dos instrumentos da capoeira, o atabaque. Outro relato foi de uma professora: ao se referir à capoeira de tradição original, ancestral, descrita no texto como sendo a capoeira angola, foi respondida como África na cruzadinha. Como não contextualizar e aceitar a resposta como correta, tratando-se da capoeira praticada pelo povo escravizado vindo da África no surgimento da capoeira no Brasil?

Enfim, a partir do Guia que embalou as oficinas, foram muitas aprendizagens interdisciplinares e reflexivas sobre o tema capoeira para conhecer, praticar e despertar muitas curiosidades. O Guia Didático como produto de Educação Patrimonial de Capoeira, apresentado na sequência, representa a síntese da pesquisa ao alcance das famílias e estudantes de todas as idades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A capoeira pesquisada no território quilombola é um espaço de memória oral, transmissão de vestígios culturais, ligando passado histórico ao tempo presente. A capoeira possibilita ressignificação de muitos atos, como a ginga, a cantiga, a dança, a musicalidade, a expressão corporal, o jogo, a luta e a resistência dos afrodescendentes.

A persistência dos ideais de africanidade garante a capoeira como um patrimônio cultural contemporâneo da humanidade. A capoeira é relevante como ato de resistência cultural. A capoeira pesquisada no território nasceu fora da escola, mas é importante destacar que, nos momentos de acolhimento por parte da escola, foi muito positivo para a continuidade na comunidade.

Nesse ponto, destaca-se a importância de a escola exercer sua função social. A roda de capoeira realizada nas escolas como oficinas para contribuir com o processo de ensino-aprendizagem fazem lembrar Freire (1996, p. 23), “Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”.

São tímidas as políticas públicas para que haja maior sentimento de pertencimento dos quilombolas a esse território, mas há resistência e luta por direitos e visibilidade identitária. O preconceito e a discriminação racial ainda estão presentes na sociedade e são desafios enfrentados nas comunidades quilombolas.

O sentimento de pertencimento ao território foi renovado com o Guia Didático para Educação Patrimonial de Capoeira. A identificação da capoeira no território pesquisado se resume nas palavras: identidade e resistência que representa história de luta, vida e esperança de uma população tradicional que habita a Comunidade Quilombola São Miguel Velho no município de Restinga Sêca/RS.

A seguir, apresentam-se ilustrações de algumas das oficinas realizadas nas escolas de Restinga Sêca/RS a partir do Guia Didático para Educação Patrimonial de Capoeira.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM MPATRIMÔNIO CULTURAL

**GUIA DE APOIO DIDÁTICO PARA EDUCAÇÃO
PATRIMONIAL DE CAPOEIRA**

IDENTIDADE E CULTURA AFRODESCENDENTE



**A CAPOEIRA EM TERRITÓRIO DA COMUNIDADE QUILOMBOLA
“SÃO MIGUEL VELHO”**

**AUTOR: PROF. MESTRE JOÃO CARLOS DIAS TRINDADE
ORIENTADOR : PROF. DR. JÚLIO RICARDO QUEVEDO DOS SANTOS**

T833g

Trindade, João Carlos Dias

Guia de apoio didático para educação patrimonial de capoeira : identidade e cultura afrodescendente : a capoeira em território da comunidade quilombola “São Miguel Velho” / João Carlos Dias Trindade, Júlio Ricardo Quevedo dos Santos - Santa Maria, RS : Universidade Federal de Santa Maria - UFSM, 2025.

15 p. : il.

Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural - Mestrado Profissional

1. Cultura Afrodescendente 2. Comunidade Quilombola “São Miguel Velho” 3. Grupo de Capoeira Paranauê 4. Patrimônio Cultural I. Santos, Júlio Ricardo Quevedo dos II. Título

CARO LEITOR E CARA LEITORA:

UM POUCO SOBRE A CAPOEIRA PARA CONHECER,
REFLETIR E DESPERTAR CURIOSIDADES.

A CAPOEIRA REPRESENTA A CULTURA AFRO-BRASILEIRA E CONJUGA DIVERSAS EXPRESSÕES COMO: JOGO, LUTA, DANÇA, MÚSICA, CANTO, BRINCADEIRA, CULTURA POPULAR, IDENTIDADE, RESISTÊNCIA. TRATA-SE DE UMA PRÁTICA DIFUNDIDA EM TODO O PAÍS. A ORIGEM DA CAPOEIRA É A PRÓPRIA HISTÓRIA DO BRASIL, ELA COMEÇOU POR VOLTA DO SÉCULO XVII, INTRODUZIDA PELOS NEGROS QUE CHEGARAM ESCRAVIZADOS NO PAÍS, VINDOS DE ÁFRICA. PARA OS HISTORIADORES, A CAPOEIRA ERA PRATICADA NAS FAZENDAS E NOS TERREIROS DE FORMA ESCONDIDA. SERVIA COMO ARMA DE LUTA CONTRA OS SENHORES DE ENGENHO, VISTO QUE O CORPO ERA A ÚNICA ARMA DE DEFESA DOS ESCRAVIZADOS.

A CAPOEIRA ACONTECE NUMA RODA, ONDE DUAS PESSOAS REALIZAM UMA BRINCADEIRA QUE IMITA UMA LUTA. OS DEMAIAS PARTICIPANTES CANTAM E TOCAM INSTRUMENTOS. TODOS PODEM DISPUTAR O JOGO INDO PARA O CENTRO DA RODA DE FORMA ORDEIRA E POSICIONANDO-SE NO LOCAL CONHECIDO NO PÉ DO BERIMBAU (ABAIXO DOS BERIMBAUS), O QUE IMPLICA A SAÍDA DE UM DOS JOGADORES QUE ESTAVA NA RODA. AUTORIZADOS PELO BERIMBAU GUNGA, ELES SAEM PARA O JOGO. TODOS SÃO IGUAIS NAQUELE MOMENTO, INDEPENDENTE DE SEU PREPARO, CONHECIMENTO OU FORMAÇÃO, VISTO QUE O RESPEITO E A ÉTICA ESTABELECEM AS REGRAS DA BRINCADEIRA, DE MODO QUE, QUEM FOR PROVOCADO PODE DEVOLVER A PROVOCAÇÃO.

SÃO MUITOS OS MOVIMENTOS DA CAPOEIRA: CHUTES, RASTEIRAS, MEIA-LUAS, QUEIXADAS, PIÃO DE MÃO, PIÃO DE CABEÇA, BENÇÃO, ARMADA, GINGA, CABEÇADAS, COCORINHA, RABO DE ARRAIA, ROLÊ, NEGATIVA, TESOURA, AÚ, ENTRE OUTROS. JOÃO HORÁCIO BORGES FILHO AFIRMA QUE SÃO QUATRO OS MOVIMENTOS BÁSICOS DA CAPOEIRA ANGOLA: CHUTES (COMO A BENÇÃO, AS MEIAS LUAS, A QUEIXADA, A PONTEIRA), RASTEIRAS, CABEÇADAS E MOVIMENTOS GIRATÓRIOS (COMO O RABO DE ARRAIA), A PARTIR DESSES QUATRO MOVIMENTOS, EXISTEM INFINTAS POSSIBILIDADES DE APLICAÇÃO E PODEM SER CRIADAS DENOMINAÇÕES DIFERENTES PARA ESSES MOVIMENTOS.

OS INSTRUMENTOS DA CAPOEIRA PODEM VARIAR, MAS OS MAIS UTILIZADOS SÃO: BERIMBAU, RECO-RECO, AGOGÔ, ATABAQUE E PANDEIRO. OS CÂNTICOS COMPÕEM, EM CONJUNTO COM OS INSTRUMENTOS MUSICais, A BASE RÍTMICA E HARMONIA DA MUSICALIDADE DA CAPOEIRA. O INSTRUMENTO PRINCIPAL DA CAPOEIRA É O BERIMBAU.



VERTENTES DA CAPOEIRA: ANGOLA E REGIONAL.

A CAPOEIRA DE ANGOLA CARACTERIZA-SE POR MANTER A TRADIÇÃO ORIGINAL, PRATICADA PELO Povo NEGRO ESCRAVIZADO NO SURGIMENTO DA CAPOEIRA NO BRASIL. ELA É MAIS VOLTADA PARA A DEFESA, O RITMO ALTERNA-SE, PODENDO SER MAIS LENTO OU MAIS RÁPIDO A DEPENDER DA EVOLUÇÃO DO JOGO, COM MALÍCIA E CALMA, ATACANDO SE FOR PROVOCADO OU DESRESPEITADO. O PRINCIPAL MESTRE E INSPIRADOR DA CAPOEIRA DE ANGOLA É VICENTE FERREIRA PASTINHA CONSIDERADO O MAIOR CAPOEIRISTA DO BRASIL. A CAPOEIRA REGIONAL SURGIU INTRODUZINDO NOVOS GOLPES ORIUNDOS DE OUTRAS ARTES MARCIAIS E UMA NOVA MENTALIDADE, VOLTADA PARA O ESPORTE E A COMPETIÇÃO, ATRAINDO PARTICIPANTES DA CLASSE MÉDIA, DEIXANDO DE SER UMA PRÁTICA APENAS DE AFRICANOS E SEUS DESCENDENTES. NA CAPOEIRA REGIONAL, A GINGA MISTURA MOVIMENTOS ACROBÁTICOS E PASSOU A FAZER PARTE DAS ACADEMIAS DE LUTAS SEM A ORIGINALIDADE DA CULTURA ANCESTRAL DOS NEGROS ESCRAVIZADOS. O CRIADOR DA CAPOEIRA REGIONAL É MANOEL DOS REIS MACHADO, CONHECIDO COMO MESTRE BIMBA.

ATUALMENTE, EXISTE UM MOVIMENTO FORTE DE DEFESA DA CAPOEIRA ANGOLA POR REPRESENTAR UM PERTENCIMENTO DA HISTÓRIA DO Povo NEGRO NO TERRITÓRIO BRASILEIRO, PRINCIPALMENTE NO RECONHECIMENTO DOS TERRITÓRIOS QUILOMBOLAS DE NORTE A SUL DO PAÍS.



A CAPOEIRA NA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE SÃO MIGUEL VELHO.

O INSPIRADOR DA CAPOEIRA NO TERRITÓRIO DE SÃO MIGUEL VELHO FOI JOÃO HORÁCIO BORGES FILHO NO FINAL DO ANO DE 1990. NATURAL DE RESTINGA SÉCA, EMBORA RESIDISSE FORA DO MUNICÍPIO, SEMPRE MANTEVE VÍNCULOS COM FAMILIARES E AMIGOS, SEM ABANDONAR SUA CIDADE E SUAS ORIGENS. VIVEU EM DIVERSAS CAPITAIS DO BRASIL COMO PORTO ALEGRE, BELO HORIZONTE, SALVADOR, BRASÍLIA E BELÉM DO PARÁ. EM UMA DE SUAS VINDAS A RESTINGA SÉCA, OFERECEU CARONA PARA DOIS MENINOS DA LOCALIDADE DE SÃO MIGUEL VELHO, OS IRMÃOS JULIANO E FABIANO DA ROSA (FILHOS DO POTÁCIO DA ROSA). PAROU SEU FUSCA AZUL, QUANDO EMBARCARAM OS MENINOS CARREGANDO DOIS SACOS DE COMPRAS DO ARMAZÉM QUE LEVAVAM PARA CASA. SENTADO NO BANCO TRASEIRO, JULIANO INTERESSOU-SE EM SABER SOBRE O INSTRUMENTO QUE SE ENCONTRAVA AO SEU LADO. JOÃO HORÁCIO PAROU O CARRO E EXPLICOU QUE ERA UM BERIMBAU DA CAPOEIRA, DISSE QUE PODERIAM MARCAR UM ENCONTRO NA COMUNIDADE PARA QUE ELES CONHECESSEM MAIS SOBRE A CAPOEIRA. O ENCONTRO ACONTEceu DIAS DEPOIS, EM UM FINAL DE SEMANA, NA QUADRA DE ESPORTE DA ESCOLA MUNICIPAL MANUEL ALBINO CARVALHO. A PROFESSORA ELISANE DOTTO SOUBE DO MOVIMENTO QUE ACONTECIA NA COMUNIDADE E NÃO PENSOU DUAS VEZES: ABRIU ESPAÇO NAS SUAS AULAS DE EDUCAÇÃO ARTÍSTICA PARA QUE A CULTURA AFRODESCENDENTE COMEÇASSE A TOMAR FORMA POR INTERMÉDIO DA CAPOEIRA A PARTIR DOS ENSINAMENTOS DE JOÃO HORÁCIO.

A CAPOEIRA PRATICADA NA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE SÃO MIGUEL VELHO PASSOU A SER CHAMADO GRUPO PARANAUÊ POR ROBERTO JULIANO DA ROSA, AO MINISTRAR AULAS DE CAPOEIRA NO PROGRAMA MAIS EDUCAÇÃO DA ESCOLA MANUEL ALBINO CARVALHO, NOS ANOS DE 2013 A 2015, SOB COORDENAÇÃO DO PROF. DE EDUCAÇÃO FÍSICA JOÃO CARLOS DIAS TRINDADE.

E JOÃO HORÁCIO BORGES FILHO COMO CONHECEU A CAPOEIRA?

"CONHECI A CAPOEIRA EM 1977, NUMA FESTA DE IEMANJÁ, NA CIDADE DE CIDREIRA, LITORAL DO RIO GRANDE DO SUL". NO ÔNIBUS DA EXCURSÃO (COM SAÍDA DE PORTO ALEGRE) ESTAVA UM GRUPO DE CAPOEIRA LIDERADO PELO MESTRE ÍNDIO DO MERCADO MODELO. NA OCASIÃO, UMA APRESENTAÇÃO NA PRAÇA CENTRAL DE CIDREIRA REUNIU CENTENAS DE PESSOAS. ELE, O MESTRE ÍNDIO, DEU UM SALTO MORTAL, SALTANDO ENTRE AS PERNAS DE UM ALUNO QUE FAZIA UMA BANANEIRA E, VIRANDO O MORTAL, PEGOU UMA NOTA DE R\$ 50 REAIS COM OS DENTES. FIQUEI IMPRESSIONADO E CURIOSO, PEGUEI O CONTATO DO MESTRE E FUI TREINAR COM ELE NO CENTRO DE PORTO ALEGRE, NO PRÉDIO CONHECIDO COMO ESQUELETÃO, QUE FICAVA NA GALERIA DO ROSÁRIO. ALI INICIAVA MINHA HISTÓRIA NA CAPOEIRA.

DEPOIS DE MUITOS ANOS PRATICANDO A CAPOEIRA REGIONAL, CONVERTI-ME, EM UM DEFENSOR DA CAPOEIRA DE ANGOLA QUANDO, A PARTIR DE UMA VISITA DO MESTRE JOÃO PEQUENO AO GRUPO CATIVEIRO EM PORTO ALEGRE, ELE APRESENTOU-NOS A CAPOEIRA ANGOLA. MESTRE MIGUEL MACHADO FUNDADOR DO GRUPO CATIVEIRO, INTRODUZIU, EM SEUS TREINOS, TREINOS ESPECÍFICOS DE CAPOEIRA ANGOLA. EU NUNCA ME CONFORMEI QUE A CAPOEIRA PRECISAVA TER UM CORPO DE ATLETA E ALTAMENTE CONDICIONADO FISICAMENTE, POIS ACREDITAVA QUE, POR SUAS ORIGENS, ESSE NÃO ERA O BIOTIPO DOS CAPOEIRAS, QUE, POR SUA CONDIÇÃO DE ESCRAVIZADOS, ERAM FRANZINOS E MALNUTRIDOS, PORTANTO PRECISAVAM DESENVOLVER OUTRAS HABILIDADES RELACIONADAS À SUA ESPIRITUALIDADE E AO PROFUNDO CONHECIMENTO DE SUAS CAPACIDADES FÍSICAS E CORPORais DESENVOLVIDAS AO LONGO DE MAIS DE 300 ANOS DE PERSEGUIÇÕES E DISCRIMINAÇÃO.

DEPOIS DESSE PRIMEIRO CONTATO AINDA EM PORTO ALEGRE, CONHECI MESTRE ROGERIO "RASTA", O PRIMEIRO ANGOLEIRO DE FATO QUE CONHECI E QUE, EM SEU DISCURSO E FORMA DE JOGAR, FORTALECEU MINHAS CONVICÇÕES. ALGUNS ANOS MAIS TARDE, FUI MORAR EM BELO HORIZONTE E POR MUITA COINCIDÊNCIA, MEU ESCRITÓRIO FICAVA POCOS METROS DO LOCAL EM QUE EU PASSAVA DIARIAMENTE E OUVIA OS CÂNTICOS E TOQUES DO BERIMBAU. COMO EU ESTAVA SEMPRE COM MINHA ROUPA DE TRABALHO, TERNO E GRAVATA, FICAVA CONSTRANGIDO DE ENTRAR NO RECINTO. MAS, UM DIA ME ANIMEI E ENTREI, QUANDO FUI MUITO BEM RECEBIDO POR MARCIO, JAUVERT, CLÁUDIO E ANDRÉ E DALI EM DIANTE PASSEI A TREINAR E FAZER PARTE DO GRUPO IÚNA DE CAPOEIRA ANGOLA, GRUPO FUNDADO POR MESTRE ROGÉRIO, QUE, NAQUELA OCASIÃO MORAVA NA ALEMANHA, ASSIM SENDO, O GRUPO ERA LIDERADO EM BELO HORIZONTE POR MESTRE PRIMO. NAQUELE MOMENTO, INICIEI MINHA CONVERSÃO À CAPOEIRA ANGOLA, NÃO SEM ANTES FAZER MUITOS QUESTIONAMENTOS SOBRE SUA EFETIVIDADE, POIS EU PRATICAVA UMA CAPOEIRA REGIONAL BASTANTE OBJETIVA. EM BELO HORIZONTE, CONHECI OS PRINCIPAIS GRUPOS DE CAPOEIRA ANGOLA E MESTRES EM ATIVIDADE, SENDO QUE NUMA OCASIÃO, CONHECI MESTRE MORAES DO GRUPO CAPOEIRA ANGOLA PELOURINHO, QUE PASSARIA A SER MINHA REFERÊNCIA NA CAPOEIRA ANGOLA, PRINCIPALMENTE QUANDO FUI RESIDIR NA CIDADE DE SALVADOR. NAQUELA ÉPOCA, JÁ TINHA ENCONTRADO NA CAPOEIRA ANGOLA AS RESPOSTAS QUE SEMPRE BUSQUEI NA PRÁTICA DA CAPOEIRA E JÁ ERA RECONHECIDO COMO ANGOLEIRO. DESDE ENTÃO, EU MILITO NA CAPOEIRA ANGOLA DE FORMA VOLUNTÁRIA, BUSCANDO PRESERVAR ESSA CULTURA ENALTECENDO A ANCESTRALIDADE AFRICANA PRESENTE NELA. ACREDITO NA CAPOEIRA ANGOLA COMO POTENTE INSTRUMENTO DE INCLUSÃO SOCIAL, EMPODERAMENTO E FORTALECIMENTO COMUNITÁRIO. A CAPOEIRA ANGOLA CURA E LIBERTA".

DEPOIMENTO : JOÃO HORÁCIO BORGES FILHO

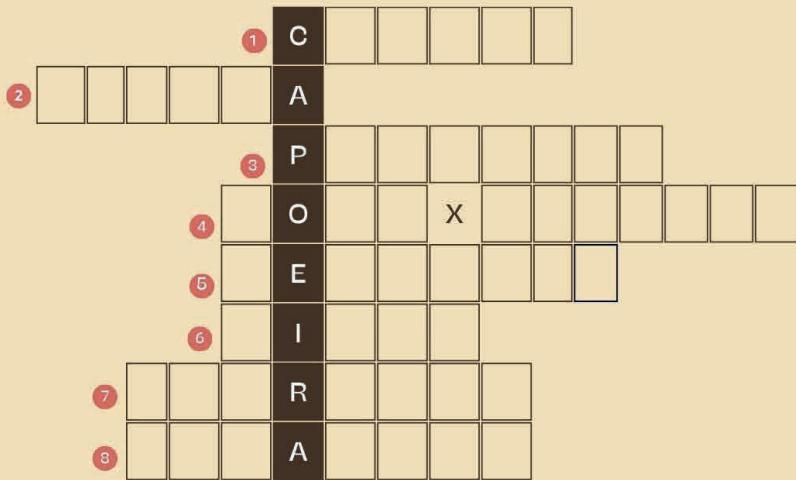


Nascendo a Roda de Capoeira

Comunidade Quilombola de São Miguel Velho



CRUZADINHA



- 1- São movimentos da capoeira.
- 2- Capoeira de tradição original (ancestral).
- 3- Considerado o maior capoeirista do Brasil.
- 4- Inspirador da capoeira na Comunidade Quilombola de São Miguel velho.
- 5- Principal instrumento da capoeira.
- 6- Criador da capoeira regional.
- 7- Cidade gaúcha onde João Horácio conheceu a capoeira.
- 8- Nome do grupo de capoeira da Comunidade Quilombola de São Miguel Velho.

RESPOSTAS : (Chutes, Angola, Pastinha, João Horácio, Berimbau, Bimba, Cidreira, Paranauê)

CAÇA – PALAVRAS

ENCONTRE INSTRUMENTOS E MOVIMENTOS DA CAPOEIRA

E	B	H	T	K	I	N	D	N	E	S	S	Z	L	F
P	E	M	E	I	B	F	B	A	V	O	G	A	V	M
T	R	B	S	R	I	M	E	C	R	F	L	O	W	D
L	I	S	O	P	E	H	N	I	F	M	Z	N	L	I
G	M	Z	U	I	G	A	E	C	L	W	A	A	B	E
L	B	X	R	R	P	D	O	O	O	X	H	D	L	A
M	A	N	A	E	N	C	Y	M	U	A	G	A	A	S
I	U	G	T	A	M	A	W	P	R	D	E	K	S	E
B	H	R	P	N	B	X	O	A	I	V	U	E	S	P
E	R	O	A	E	R	C	B	S	S	E	Q	N	G	L
N	N	W	G	R	A	R	N	S	H	N	A	B	O	R
C	P	T	E	G	C	X	J	I	L	T	B	Z	C	W
A	N	E	G	A	T	I	V	A	F	U	A	Q	H	J
O	I	X	U	T	D	G	A	R	I	E	T	S	A	R
X	O	G	I	N	G	A	Q	A	E	E	A	C	K	V

BERIMBAU
PANDEIRO
ATABAQUE

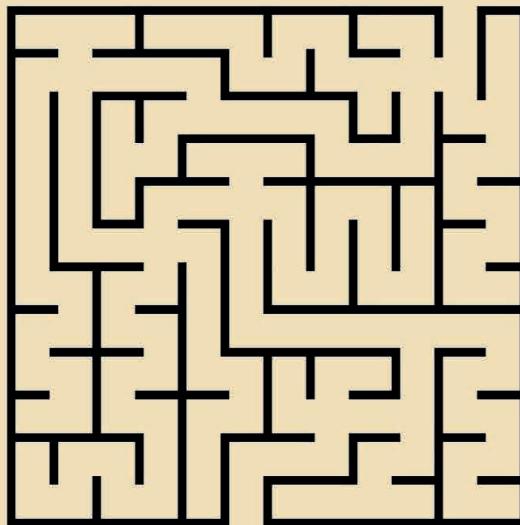
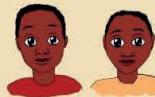
GINGA
BENÇÃO
ARMADA

TESOURA
NEGATIVA
RASTEIRA

OBS: AS PALAVRAS PODEM SER ENCONTRADAS NO SENTIDO HORIZONTAL, VERTICAL, DIAGONAL E DE TRÁS PARA FREnte.

LABIRINTO

LEVE JULIANO E FABIANO PARA RODA DE CAPOEIRA



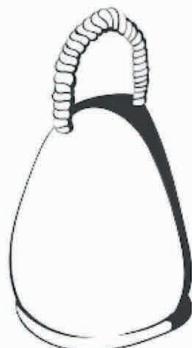
VERDADEIRO OU FALSO?

- 1- JULIANO E FABIANO CONHECEM UM BERIMBAU DURANTE UMA PESCARIA.
- 2- PROFESSORA ELISANE DOTTO ABRE ESPAÇO NAS SUAS AULAS PARA JOGAR CAPOEIRA.
- 3- A CAPOEIRA ANGOLA TEM A ORIGINALIDADE DA CULTURA ANCESTRAL DOS NEGROS ESCRAVIZADOS.

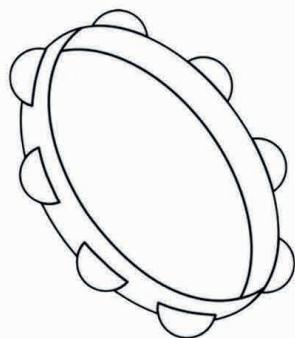
	V	F
1		
2		
3		

RESPOSTAS: 1-F, 2-V, 3-V

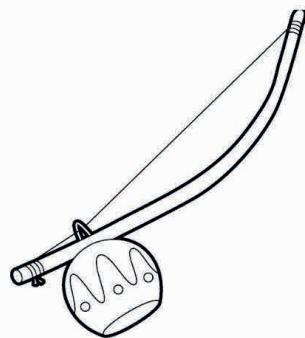
Pinte os Instrumentos da Capoeira



CAXIXI



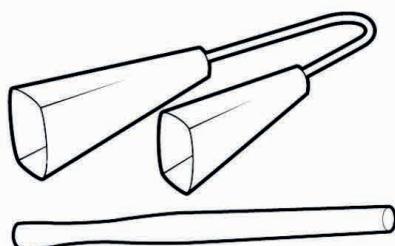
PANDEIRO



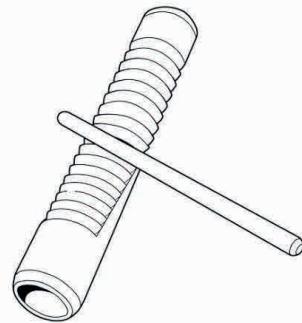
BERIMBAU



ATABAQUE



AGOGÔ



RECO-RECO

Ligue cada instrumento a sua sombra



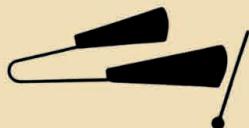
•



•



•



•



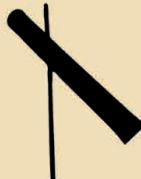
•



•



•



•



•



•

Movimentos da Capoeira



Rabo de Arraia e Rolê



Ginga



Tesoura e Aú



Rabo de Arraia e
Negativa

Imagens : Arquivo pessoal de João Borges (2001 a 2003)

Capoeira Angola



Arte: Carmen Borges

O CAPOEIRA CANTA, DANÇA, RODOPIA E ATÉ CAI. MAS NÃO SE ABALA NO BALANÇO DE ANGOLA.

A CAPOEIRA ANGOLA É MINHA DANÇA. MINHA ARMA E MINHA CURA.

O JOGO DE ANGOLA É UMA BRINCADEIRA SÉRIA COM PRINCÍPIOS E FUNDAMENTOS SAGRADOS.

A CAPOEIRA ANGOLA É A DANÇA DA VIDA.

JOÃO HORÁCIO BORGES FILHO



A CAPOEIRA É COMPREENDIDA QUANDO SE CONHECE O CONTEXTO HISTÓRICO DO
POVO AFRO-BRASILEIRO.

JOÃO CARLOS DIAS TRINDADE

Paranauê

VOU M'EMBORA
VOU M'EMBORA PARANÁ.

TÃO CEDO NÃO FICO CÁ PARANÁ
PARANAUÊ. PARANAUÊ. PARANÁ:

SE NÃO FOR NESSA SEMANA
PARANÁ.

NA SEMANA QUE PASSA PARANÁ
PARANAUÊ. PARANAUÊ. PARANÁ.

NÃO SOU BRAÇO DE MARÉ
PARANÁ.

SOU MARÉ SEM FIM PARANÁ
PARANAUÊ. PARANAUÊ. PARANÁ:

DO NÓ ESCONDO A PONTA
PARANÁ.

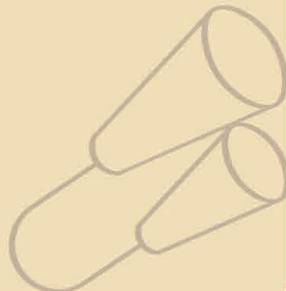
DUVIDO QUEM DESATAR
PARANAUÊ. PARANAUÊ. PARANÁ.

LÁ DO CÉU TEM TRÊS ESTRELAS
PARANÁ.

OUTRA VAI FICAR SOZINHA PARANÁ.

PARANAUÊ. PARANAUÊ. PARANÁ
PARANAUÊ. PARANÁ
PARANAUÊ. PARANÁ
PARANAUÊ. PARANAUÊ. PARANÁ.

COMPOSIÇÃO: JOÃO HORÁCIO



ENTREVISTA E DEPOIMENTOS CONCEDIDO EM 31/07/2024 NA LOCALIDADE DE PAINS - CAMOBI /SANTA MARIA -RS



PESQUISADOR: JOÃO CARLOS DIAS TRINDADE



JOÃO HORÁCIO BORGES FILHO, ELISANE DOTTO E ROBERTO JULIANO DA SILVA ROSA

**IDENTIDADE E CULTURA AFRODESCENDENTE -
CAPOEIRA NO TERRITÓRIO DA COMUNIDADE
“SÃO MIGUEL VELHO”**

ORGANIZAÇÃO: JOÃO CARLOS DIAS TRINDADE

DESENHOS: CARMEM MARIA BORGES

REVISÃO DE TEXTO: ELAINE DOS SANTOS

BRASÃO: MÁRCIA ALENDE

DIAGRAMAÇÃO: JENIFER SOARES

TIRAGEM: 279 EXEMPLARES

**INCENTIVO LEI PAULO GUSTAVO: LEI COMPLEMENTAR N°195/2022 , DECRETO
FEDERAL 11.522/2023 E 11.453/2023**

PRODUTO : PESQUISA DE MESTRADO

ORIENTADOR : JULIO RICARDO QUEVEDO DOS SANTOS





Figura 1 - E.E.E.F. Olmiro Pohlmann Cabral (Silêncio) e E.E.E.F. Marcelo Gama (Jacui)

Fonte: Acervo pessoal de João Carlos Dias Trindade (2024).



Figura 2 - Oficina na E.M.E.I.F. Dezidério Fuzer (São Miguel Novo)

Fonte: Acervo pessoal de João Carlos Dias Trindade (2024).



Figura 3 - E.M.E.F. Francisco Giuliani (Av. Júlio de Castilhos - Bairro Felin)

Fonte: Acervo pessoal de Denize Rodrigues Vieira (2024).

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 10.639, de 09 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. **Diário Oficial da União:** seção 1, Brasília, DF, p. 1, 10 jan. 2003. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm. Acesso em: 07 fev. 2025.

BRASIL. Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. **Diário Oficial da União:** seção 1, Brasília, DF, p. 1, 11 mar. 2008. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm. Acesso em: 08 fev. 2025.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **Interdisciplinaridade:** um projeto em parceria. São Paulo: Edições Loyola, 1993.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Política e educação.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

GADOTTI, Moacir. **Educação e sustentabilidade:** um novo paradigma para o futuro da educação. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2002.

GADOTTI, Moacir. **Perspectivas atuais da educação.** Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

JAPIASSU, Hilton. **Interdisciplinaridade e patologia do saber.** Rio de Janeiro: Imago, 1976.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar:** o que é? por que? como fazer? São Paulo: Moderna, 2003.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA. **Quem somos.** 2025. Disponível em: <https://www.unesco.org/en/brief>. Acesso em: 09 abr. 2025.

SANTOMÉ, Jurjo Torres. **Globalização e interdisciplinaridade.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.